

Websérie na escola: proposta para a utilização de Rabbits (David Lynch, 2002) nas aulas de interpretação de textos não verbais

Webseries in the school: proposal for the use of Rabbits (David Lynch, 2002) in the classes of interpretation of nonverbal texts

Webserie en la escuela: propuesta para el uso de Rabbits (David Lynch, 2002) en las clases de interpretación de textos no verbales

João Paulo Hergesel¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir a relação entre os produtos midiáticos e a escola, a partir da websérie *Rabbits* (David Lynch, 2002). Utilizando a metodologia exploratória e bibliográfica, explanou-se sobre o uso da mídia no contexto educacional e mapearam-se algumas interpretações que se tem do objeto. O resultado apontou para a existência de um terreno fértil no que concerne ao uso de webséries como recurso didático.

Palavras-chave: Comunicação; Educação; Audiovisual; Narrativas midiáticas; Websérie.

Abstract: This article aims to discuss the relationship between media products and the school, from the *Rabbits* (David Lynch, 2002) webserie. Using exploratory and bibliographical methodology, we explored the use of the media in the educational context and mapped some interpretations that have of the object. The result pointed to the existence of a fertile ground regarding the use of webseries as didactic resource.

Keywords: Communication; Education; Audiovisual; Media narratives; Webserie.

Resumen: Este artículo tiene el objetivo de discutir la relación entre los media y la escuela, a partir de la websérie *Rabbits* (David Lynch, 2002). Usando la metodología exploratoria y bibliográfica, se explicó sobre el uso de los medios en el contexto educativo y se mapearon algunas interpretaciones que se tienen del objeto. El resultado apuntó a la existencia de un terreno fértil en lo que concierne al uso de webseries como recurso didáctico.

Palabras clave: Comunicación; Educación; Audiovisual; Narrativas mediáticas; Webseries.

¹ Doutorando em Comunicação (UAM), mestre em Comunicação e Cultura (Uniso) e licenciado em Letras (Uniso). Membro dos grupos de pesquisa Inovações e Rupturas na Ficção Televisiva Brasileira (UAM/CNPq) e Narrativas Midiáticas (Uniso/CNPq). Líder do grupo de estudos em Narrativas Midiáticas Infantis e Juvenis (Uniso/CNPq). Vinculado ao OBITEL e à Red Inav. E-mail: jp_hergesel@hotmail.com. Orcid: 0000-0002-1145-0467

1. Introdução

A sinopse, atribuída ao conjunto de oito episódios, é a mais sintética possível: “Em uma cidade sem nome, inundada por uma chuva contínua, três coelhos vivem com um mistério assustador”². Sob um enredo não linear, com diálogos que à primeira vista rompem com a lógica, além da visualidade e da sonoridade que apresentam quebras de coerência textual, David Lynch apresenta *Rabbits* (2002) ao mundo – e vários habitantes desse mundo buscam sentido a isso que lhes foi apresentado.

Perante esse fato e sustentando a ideia de que a respectiva obra lynchiana oferece uma contribuição ao intermeio que une comunicação artística e cultura audiovisual, além de permitir uma ligação com a Educação, houve uma inquietação sobre como trabalhar com essa obra na escola, sobretudo nas aulas dedicadas a interpretações de textos não verbais. Na tentativa de conhecer as diferentes leituras dadas à narrativa, julgou-se necessário estabelecer, inicialmente, um mapeamento das interpretações sobre *Rabbits*, coletando dados divulgados em distintas plataformas.

A revisão de literatura foi feita, inicialmente, com ferramentas eletrônicas de pesquisa, destacando-se a Periódicos Capes³, o Google Acadêmico⁴ e o Google convencional⁵. Para isso, os termos de busca foram “Rabbits” e “David Lynch”, sem aplicação de filtros específicos. Como resultado, verificou-se que a quantidade de trabalhos acadêmicos acerca da referida série não é frequente, o que levou esta pesquisa a se utilizar não somente do universo científico como também da crítica popular e jornalística.

Com a finalidade de expandir os resultados e obter um *corpus* maior de estudo, foram consultados, além de blogs alimentados por cinéfilos, dois *websites* especializados em filmes e resenhas: FilmAffinity⁶ e IMDb⁷. O chamariz quanto à produção intelectual focada em *Rabbits* é a não restrição a um território ou região; existem registros escritos assinados por pessoas de vários lugares do planeta, como pode ser observado no item seguinte. Acrescenta-se que se

² Tradução livre do inglês. Fragmento original: “In a nameless city, deluged by a continuous rain, three rabbits live with a fearful mystery” (LYNCH, [s.a.]).

³ Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> (consultado em: 19/02/2019).

⁴ Disponível em: <https://scholar.google.com.br> (consultado em: 19/02/2019).

⁵ Disponível em: <http://www.google.com.br> (consultado em: 19/02/2019).

⁶ Disponível em: <http://www.filmaffinity.com> (consultado em: 19/02/2019).

⁷ Disponível em: <http://www.imdb.com> (consultado em: 19/02/2019).

adotou a citação indireta como forma de apresentar as ideias, uma vez que esse método ressalta a visão dos pesquisadores acerca dos textos lidos.

A partir de então, esforçou-se para elaborar um plano de ensino que consiste em aplicar tal conteúdo midiático em sala de aula. Nesse ponto, sugere-se que a obra seja apresentada continuamente, sem interrupções entre os episódios, enquanto o docente observa a reação dos estudantes em frente à complexidade da narrativa e, em caso de necessidade, lança-lhes provocações. O propósito principal é que, mediante o conhecimento prévio de interpretações possíveis, o professor estabeleça um diálogo com os discentes, na tentativa de levá-los à reflexão e despertar-lhes a criatividade, fazendo-os perceber que, mesmo em um produto midiático (algo tão comum no cotidiano jovem), é possível encontrar enlaces que fortaleçam a capacidade cognitiva.

2. Aplicação dos produtos midiáticos em sala de aula

A relação entre mídia e educação existe há algum tempo, especialmente quando o cinema e a televisão passaram a fazer parte do contexto sociocultural dos discentes e coube às instituições escolares encontrar uma forma de trabalhar com tais aparatos também em sala de aula. Com o advento das tecnologias digitais, sobretudo *tablets* e *smarphones*, a internet ganhou uma forte aceitação do público infantojuvenis, o que motivou pesquisadores a vasculharem esse tema e apresentarem propostas para o uso de conteúdos midiáticos em ambiente escolar.

Tufte e Christensen (2009) evidenciam a presença das mídias na vida das pessoas: “Em muitas famílias a sala tornou-se um espaço de atividades onde os jovens parecem capazes de conviver sem problemas, usando cada qual o seu meio de comunicação” (TUFTE; CHRISTENSEN, 2009, p. 98). Fenômeno que gera o que os autores chamam de “inferno de som e imagens” para muitos adultos, os produtos midiáticos têm enfrentado fortes impedimentos no que tange a estabelecer-se com firmeza na escola.

Tais autores apresentam o conceito de “mídia-educação”, um campo de pesquisa que se ocupa de investigações sobre as relações estabelecidas entre educação e mídia. Nas palavras dos pesquisadores:

A mídia-educação definida enquanto um campo de pesquisa situa-se na área de tensão entre a pesquisa em comunicação e a pesquisa em educação. O trabalho de pesquisa e desenvolvimento no contexto da mídia-educação concentra-se em: estudar a relação entre crianças, jovens e as mídias, em conexão com sua socialização; estudar e avaliar a mídia-educação de um ponto de vista didático, em relação aos objetivos, conteúdos e áreas de trabalho. Um exemplo é a realização de análises e estimativas contendo

perspectivas teóricas, metodológicas e práticas em relação ao trabalho de desenvolvimento mídia-educativo (TUFTE; CHRISTENSEN, 2009, p. 101).

Outros nomes, explicam Tufte e Christensen (2009), são comuns para o campo: além de mídia-educação, existem a alfabetização midiática, a alfabetização digital, a alfabetização para a internet, a educação em mídia e consumo, a educação em mídias e economia e, comumente mais aceito, a educação para a alfabetização midiática. O que os autores sinalizam, com a amostragem de todos esses termos e o avanço das pesquisas nessa área, é justamente a relevância que os estudos sobre a mídia, em paralelo à educação, têm ganhado no universo científico.

A respeito disso, Biz (2012, p. 21), tomando por base os estudos de Roger Silverstone, mostra que estudar a mídia “significa entender o mundo, utilizando nossa capacidade crítica e decifração para compreender mais do que aquilo que lemos, vemos e ouvimos e compartilhar seus significados”. Ao discorrer sobre a inclusão de elementos midiáticos nas escolas, justifica:

O conteúdo deve ser considerado um meio, e não um fim. Professor e aluno devem se exercitar em descobrir o que está oculto nos livros, jornais, revistas, ou seja, as marcas, as pegadas, os traços deixados, e ler também as entrelinhas, o texto pelo contexto. Os alunos precisam saber como aquilo que estudam tem a ver com o que vivem (BIZ, 2012, p. 36).

O autor ainda se posiciona contra a mercadologia instituída hoje no processo escolar, argumentando que “a questão está em priorizar a educação em vez da instrução, a vida em relação ao mercado, embora, muitas vezes, pais e alunos pressionem pelo mercado, mais do que pela vida” (BIZ, 2012, p. 36). Por fim, Biz (2012, p. 37) defende que “a escola deve fugir daquela qualidade apregoada pelo neoliberalismo que visa à preparação da mão-de-obra para o mercado e a proclamação de sua excelência, visando sempre à satisfação do cliente”.

Dorigoni e Silva ([s.a.], p. 1), por sua vez, resgatam que as relações entre mídia e educação têm se desenvolvido fortemente desde os anos 1970, visto que, o estudo dos produtos midiáticos tem o propósito de “formar usuários ativos, criativos, críticos de todas as tecnologias de informação e comunicação”. Em defesa à realidade de inclusão dessas tecnologias nas escolas, dissertam:

Nesse sentido é que se torna imprescindível a utilização destes meios na escola, para oportunizar uma reflexão das ideologias que servem a cultura dominante, sendo que as relações sociais, bem como os meios de comunicação que transmitem informações, estão a serviço desta cultura (DORIGONI; SILVA, [s.a.], p. 12).

Os autores, por fim, propõem “uma escola contextualizada, que se situe nas dinâmicas dos novos processos de ensino e aprendizagem colaborativa, com o uso da internet como

mecanismo de desenvolvimento, de criticidade, de colaboração” (DORIGONI; SILVA, [s.a.], p. 16). Para a concretização desse fenômeno, Dorigoni e Silva ([s.a.], p. 16) dizem que “os educadores precisam coordenar esse processo, incorporando as mídias aos encaminhamentos pedagógicos deixando de defender-se da inovação”.

Com pensamentos parecidos, Fantin e Girardello (2009) expõem que apenas levar aparatos tecnológicos à escola – como oferecer salas de informática com computadores vinculados à internet – não é preencher as lacunas existentes a respeito da inclusão das ferramentas midiáticas na educação contemporânea. A defesa dos autores gira no sentido de criar uma mediação educativa amparada pelas perspectivas culturais. Nas palavras dos autores:

Uma mídia-educação associada às mediações culturais nos parece fundamental enquanto crítica e alternativa ao uso puramente funcional das tecnologias digitais. Se hoje a ênfase de muitos programas de inclusão digital reside nas competências instrumentais, estas precisam ser consideradas apenas um ponto de partida para o desenvolvimento de formas e linguagens nas quais as pessoas possam relacionar-se crítica e criativamente com o mundo ao seu redor (FANTIN; GIRARDELLO, 2009, p. 90).

Em complementação, os autores afirmam que “se a economia da sociedade da informação é globalizada, os indivíduos continuam a ter uma existência local, o que reafirma o abismo entre globalidade da riqueza e do poder e as experiências locais” (FANTIN; GIRARDELLO, 2009, p. 91). Por fim, a ideia de Fantin e Girardello (2009, p. 91) concentra-se em um “entendimento da da inclusão digital enquanto construção da cidadania em que a mídia-educação assegure uma real participação de crianças, jovens e adultos na cultura”.

Fantin (2007), ao criar a experiência de levar o cinema à escola, relata que, dentro os objetivos alcançados, destacaram-se: a relação do cinema com os outros meios; o repertório diverso e variado; a espontaneidade das reações e verbalizações dos estudantes; a interpretação e a compreensão criativa; a problematização; a situação coletiva; a linguagem cinematográfica; a experiência de produção; a avaliação e o registro; e a metarreflexão.

Por relação do cinema com os outros meios, entende-se como objetivo principal: “contextualizar a especificidade do cinema (história, gêneros, escolas, autores, linguagem), suas relações e seus pontos comuns com outros meios, como televisão, vídeo, rádio, jornal, e novos meios, como computador e suas derivações” (FANTIN, 2007, p. 10). Por repertório diverso e variado, entende-se como objetivo principal: “oferecer filmes para ver, fruir, discutir e analisar, considerando o maior leque possível de opções de gêneros, estilos e tons variados, representando diversas culturas” (FANTIN, 2007, p. 10).

Por espontaneidade das reações e verbalizações dos estudantes, entende-se como objetivo principal: “assegurar a manifestação espontânea das crianças e a liberdade possível dos diferentes modos de ver” (FANTIN, 2007, p. 10). Por interpretação e compreensão criativa, entende-se como objetivo principal: “garantir que a criança possa expressar suas descobertas sem que seu olhar seja condicionado por informações adiantadas previamente sobre o filme, a fim de permitir outras possibilidades de entendimento” (FANTIN, 2007, p. 10).

Por problematização, entende-se como objetivo principal: “desestabilizar hipóteses, analisar criticamente cada argumento a partir de outros pontos de vista, atualizar significações ideológicas, éticas e estéticas” (FANTIN, 2007, p. 10). Por situação coletiva, entende-se como objetivo principal: “compartilhar sentimentos e emoções que o filme provoca, buscando possíveis aproximações e distanciamentos do filme em relação à vida real” (FANTIN, 2007, p. 10).

Por estudo da linguagem cinematográfica, entende-se como objetivo principal: “situar os elementos da linguagem cinematográfica, suas regras, seus códigos, seus elementos técnicos e lingüísticos, estrutura narrativa, caracterização dos personagens, e outras convenções utilizadas” (FANTIN, 2007, p. 10). Por experiência de produção, entende-se: “assegurar situações em que as crianças possam produzir e realizar experiências de criação de roteiros, *story board*, filmagens e edições, entendendo os momentos da pré-produção, da produção e da pós-produção”. (FANTIN, 2007, p. 10).

Por avaliação e registro, entende-se como objetivo principal: “garantir momentos para discutir os encaminhamentos, situar as aprendizagens realizadas, o que ainda não se sabe e as buscas necessárias” (FANTIN, 2007, p. 10), situando os estudantes “no seu percurso e através de um registro sistemático-escrito, desenhado, fotografado, filmado – que fixe a memória do percurso na história” (FANTIN, 2007, p. 11). Como último elemento, por metarreflexão, entende-se como objetivo principal: “possibilitar um entendimento do ‘saber sobre o saber’ e a consciência da estratégia utilizada para realizar tais aprendizagens, como possibilidade de transferências para outros contextos” (FANTIN, 2007, p. 11).

Semelhante a este trabalho, está o de Hergesel, que levou a websérie para a sala de aula. Hergesel (2011, p. 45) define esse formato como uma “narrativa midiática desenvolvida em linguagem audiovisual, de modo serializado, cujos episódios encontram-se disponíveis para acesso nos espaços on-line passíveis de circulação, principalmente nos sites de armazenamento de vídeo”. Para o autor, ao transformar um produto da realidade juvenil em recurso paradidático,

contribui-se pedagógica e culturalmente com o ensino-aprendizagem.

Dentre as centenas de webséries disponíveis para acesso gratuito no universo on-line, uma que chama a atenção, por seu potencial interpretativo polissêmico – isto é, cada espectador adquire uma visão diferente a respeito da mesma peça –, é *Rabbits*. Esse produto audiovisual, dividido em episódios e divulgado on-line, foi criado pelo cineasta David Lynch⁸, renomado por filme como *Veludo Azul* (1986)⁹ e *Cidade dos Sonhos* (2001)¹⁰. Antes de estudar uma forma de aplicá-la em sala de aula, faz-se uma revisão de literatura, em caráter bibliográfico e documental, sobre o assunto.

3. Leituras de *Rabbits* ao redor do mundo

Jones (s.a.), da Inglaterra, resgata, em seu artigo, a paixão de Lynch pelos patos, pela ponderação que o diretor faz a respeito da perfeição física dessa ave, e propõe que os coelhos têm a mesma estrutura física de simetria, o que pode ter levado Lynch a escolher esse animal como protagonista para a série. Outro fator apontado é o hábito corriqueiro em se criar sombras de coelho projetadas na parede, quando em brincadeira com as mãos diante de uma luz artificial (de lanterna, por exemplo) em ambientes escuros – fazendo analogia ao cenário de *Rabbits*, cuja iluminação é feita com projeções de sombras na parede do fundo e com instantes de blecaute. O pesquisador ainda menciona o *design* do *website* de Lynch na época de lançamento da série: trazia em seu design a silhueta de um coelho, automaticamente rementendo à intriga, ao mistério e a imagens do cinema *noir*.

Para Cavisi (2009), da Itália, *Rabbits* é uma metalinguagem: uma obra audiovisual que fala de cinema e de televisão, utilizando-se da metáfora para se comunicar. Para a pesquisadora, Lynch usa a série – com seus aplausos de claque na entrada dos atores e risadas igualmente enlatadas em momentos aleatórios – para denunciar o vício excessivo do público massivo em *sitcoms*, formato televisivo que propõe registrar historietas de comédia acompanhadas de um auditório que se manifesta nem sempre livremente. A autora sugere que a aparente falta de lógica no diálogo remete à comunicação inexistente dentro das famílias e com as pessoas ao redor; quanto às passagens de lucidez – sobretudo nos monólogos – que levam o espectador a perceber

⁸ Para mais informações, verificar: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-648/> (consultado em: 19/02/2019).

⁹ Para informações a respeito do filme, verificar: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2461/> (consultado em: 19/02/2019).

¹⁰ Para informações a respeito do filme, verificar: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-28682/> (consultado em: 19/02/2019).

que houve um homicídio, essas fazem referência a “*Twin Peaks*” (1990-1991), série televisiva criada e dirigida por Lynch. Algumas expressões como “*smiling teeth*”, “*distant siren*”, “*distant ships*” lembram, respectivamente, a imagem de Laura Palmer, em foto sorridente no porta-retrato e corpo sem vida no braço de mar.

Randles, Heine e Santos (2013), do Canadá, ousam ao utilizar o audiovisual para uma experiência pertinente à área de Psicologia: os pesquisadores selecionaram um coletivo de pessoas com transtornos de personalidade e as dividiram em dois grupos. O primeiro grupo assistiu a três vídeos: dois minutos de um episódio de *Pato Donald*, quatro minutos de *Rabbits* e dois minutos de um clipe de *Snoopy*. O segundo grupo fez o mesmo processo, com exceção de que, em vez de *Rabbits*, o segundo vídeo escolhido foi o de um episódio de *Os Simpsons*. Como reação, as pessoas que assistiram a *Rabbits* demonstraram surtos consideráveis, o que fez os pesquisadores realizarem um novo teste: oferecer Paracetamol aos candidatos antes de submetê-los à produção lynchiana. A reação, nesse segundo momento, foi de estabilidade, o que gerou o resultado de que medicamentos à base de Paracetamol amenizam reações desagradáveis perante situações surreais.

O incômodo quanto à série, no entanto, não é exclusivo de pacientes psicóticos. Hermosilla (2014), da Espanha, reconhece que os coelhos lynchianos também o intrigavam e o fizeram considerar a narrativa como um exemplo de “esquizorrealismo” – evidente interrupção de sentido, maltrato da realidade, desdobramentos de um inferno ultramoderno e ironias sobre a própria noção de absurdo. O pesquisador considera que é inviável atribuir significado a *Rabbits* porque a série foi construída com esse propósito: de anulação da razão, de destruição de perspectivas, de alusão ao engano absoluto da realidade.

Migrando do mundo acadêmico para a vastidão da hipermídia, encontram-se críticas e comentários sobre *Rabbits* em diversas páginas pessoais sobre cinema e audiovisual. No Brasil, Aurélio (2010), defende em seu *blog* a inexistência de uma história e da intenção única de apresentar cenas independentes e aleatórias, com comunicação verbal *nonsense* e justificativa indefinida. Siqueira (2013), em contraponto, adota um tom mais macio para reconhecer o propósito de fugir do estilo clássico das narrativas hollywoodianas, tornando inviável buscar uma forma de estruturar categoricamente a obra em introdução, desenvolvimento e conclusão.

Vannucchi (2015), por sua vez, intermedia as opiniões e pontua os dois lados: tanto do público que tende a considerar *Rabbits* uma gravação simplória, sem o menor esforço nem

méritos, quando do público que enxerga uma genialidade por trás do invólucro poético que permeia a obra. Ressalta, inclusive, a necessidade de participação do espectador nesse tipo de obra, indo ao encontro do que Wolff (1982) defende, da relevância do leitor enquanto parceiro criador da arte.

Em amostragem desse conselho de leituras subjetivas, Bustamante (2013), da Venezuela, declara que a série parece tratar de um crime pelo qual todos os personagens são culpados e, por isso, compartilham a angústia, o peso na consciência, e encontram uma forma de penitência: lembrar, frequentemente, uns aos outros, o que precisa ser ocultado, até chegarem à perda da razão e darem espaço ao inferno próprio. O usuário *Elias C.P.*, em comentário a essa interpretação, considera *Rabbits* uma releitura da obra *A porta fechada*, de Jean Paul Sartre (1905-1980): três personagens se encontram no inferno e conversam sobre o motivo de estarem ali.

No site de filmes FilmAffinity (2008), o usuário *Pluscuamperfecto*, de Papua-Nova Guiné, desestimula os possíveis espectadores em sua resenha. Para ele, não existe sentido em nada e a obra pode ser resumida como sendo apenas três pessoas vestidas de coelho participando de conversas sem coerência em um plano estático que remete à ideia de anos 1950. Finaliza alegando que os monólogos são perturbadores e doentios, além de orientar o leitor de que não se deve esperar algo além disso nos quase 50 minutos de vídeo.

Na página oficial do IMDb (1990-2015), plataforma para reunir informações técnicas e propor discussões acerca de produtos audiovisuais, existiam 38 resenhas para *Rabbits* até a data de encerramento desta coleta (31 de dezembro de 2015). Os textos variam de meros resumos comentados a análises interessantes para discussão, além de conselhos aos leitores, como é o caso do que fez o usuário *xordul*: ele alertou que assistir aos oito episódios de maneira consecutiva em um quarto escuro faz com que o espectador tenha pesadelos por uma semana. Na tentativa de apresentar as diversas leituras que a obra de Lynch ganhou pelo mundo, selecionou-se um *corpus* com as impressões consideradas mais relevantes para o estudo dessa narrativa.

O usuário *spewky*, dos Estados Unidos, diz não entender por que as pessoas passam tanto tempo tentando descobrir algo que, para ele, soa tão simples. Ele explica que conhece um livro (cujo título não é mencionado) cuja história se foca em duas crianças, trancadas em um cômodo e observadas constantemente, sem saber disso. Dito isso, o comentarista faz uma relação entre essa obra e a narrativa de Lynch: os coelhos são criaturas que um dia já foram humanas e

agora são prisioneiros que revivem o passado, incapazes de escapar dessa realidade tão aflitiva.

O usuário *A_Cockwork_Orgasm*, da Suécia, estima que o propósito de “*Rabbits*” é ser exatamente o que é, ou seja, a responsável pelo efeito que vem provocando: espectadores puxando os próprios cabelos na tentativa de fazer com que algo tenha sentido. Por fim, caracteriza o trabalho artístico como lento, estranho, esquisito, aparentemente sem noção, mas agradável de se ver. Já o usuário *missingpatient*, do Canadá, antecipa que não se arriscará interpretar a obra, pois assume que não entendeu nada do que assistiu. Confessa não saber se deve considerar “*Rabbits*” uma autoindulgência ou uma façanha genial, mas recomenda o produto para quem deseja desfrutar de algo sem referências semelhantes.

O usuário *yiokkasd*, do Chipre, classifica a narrativa como assustadora, estranha, absurdamente engraçada e perigosamente fascinante. Alega que *Rabbits* é a mãe e o pai de todos os pesadelos, além de tecer elogios à atuação, aos movimentos, às cores, e à iluminação. Por fim, equipara o canto de Rebekah Del Rio à Tragédia Grega. Já o usuário *bob the moo*, do Reino Unido, elogia o trabalho, mas considera tedioso e exaustivo, devido ao ritmo lento e às pausas longas. Mesmo sem desmerecer objetivamente a obra, julga que o excerto aproveitado em *Inland Empire* funciona com mais precisão dentro daquela narrativa do que se analisado de forma isolada.

O usuário *patient742617000027*, da Holanda, resume a história em uma família aguardando seu cachorro voltar para casa. Mas enfatiza a possibilidade de o cachorro ter fisionomia humana, uma vez que os coelhos, que agem como humanos, terem anatomia de animal. Já o usuário *nikhil7179*, da Índia, compara *Rabbits* a *Teletubbies*, atribuindo àquele mais estranheza do que a este. Em seu raciocínio, Lynch se aproveitou do existencialismo sarriano e da *sitcom* americana, mescladas a uma trilha sonora industrial e *noir*, para utilizar a imagem dos coelhos da melhor maneira possível, desde Lewis Carroll – autor de *Alice no País das Maravilhas*, livro infantojuvenil no qual existe um coelho branco que vive atrasado, responsável por guiar Alice até o País das Maravilhas.

O usuário *imagineda*, da Austrália, considera a obra uma instalação de arte, feita para ser sentida, e não analisada. Por isso, justifica que não se atreve a desembaraçar as linhas obscuras que perpassam o enredo. Já o usuário *mario_c*, de Portugal, enxerga *Rabbits* como um filme que compila nove curta-metragens, o que, por sua vez, torna o produto longo e cansativo. Para ele, Lynch deveria ter editado para se manter na casa dos 20 minutos, a fim de evitar aborrecimentos

por parte do espectador, já que o cenário é um só e o conflito não se desenvolve, tornando a narrativa monótona.

O usuário *greenstoplightofdeath*, da Turquia, acredita que Lynch realizou uma releitura da parábola da arca de Noé, adaptada para um contexto em que a tecnologia estaria mais avançada, com direito a roupas de grife e energia elétrica. O homem de terno verde, segundo essa linha de pensamento, seria o próprio Noé que, ao colocar um casaco, estaria pronto para zarpar; os sons perturbadores, por sua vez, seriam gritos e clamores de pessoas sendo destruídas pelo dilúvio. Os elementos mencionados no monólogo – como “*siren*”, “*electricity*” e “*oil*” – estão diretamente ligados ao que ocorre dentro do navio.

O usuário *Edward Rosenthal*, dos Estados Unidos, explora as figuras de retórica ao produzir um artigo de opinião intitulado, em tradução livre, de “Este é o auge dramático de acordo com a lógica onírico-surreal da mente absurdamente gótica e paranoica de Lynch”, no qual ele lança uma série de perguntas sem respostas – prova de como a narrativa pode ser confusa. O destaque, no entanto, está na sugestão de *Rabbits* ser um suposto registro do ensaio de uma produção Off Broadway.

O usuário *Markus Jenkins*, sem nacionalidade explicitada, constata se tratar de um passeio pela mente incompreensível de Lynch, espaço em que as convenções tradicionais de técnicas de linguagem, lógica e narrativa são descartadas. O comentarista recomenda que o público pesquise a respeito do Teatro do Absurdo e da escrita surrealista, para conseguir admirar tais recursos estilísticos.

As diversas leituras que *Rabbits* conquistou nos cinco continentes corroboram com a ideia de que essa obra audiovisual, devido ao modo como é estruturada, permite a criação conjunta de uma história – ou melhor, de histórias. O espectador perde o caráter de sujeito passivo, disposto a consumir o produto da forma como lhe é entregue, e passa a agir como semi-interagente, replicador do efeito que o contato da obra lhe causou. Com base nisso, acredita-se no potencial paradidático dessa narrativa midiática, que pode suscitar debates e explorações analíticas também em sala de aula.

4. Proposta para aplicação de *Rabbits* em sala de aula

Adotar *Rabbits*, enquanto uma narrativa midiática, como tema de uma aula (ou conjunto de aulas) dedicada à análise de textos não verbais, é uma tarefa que requer organização e, portanto, há a necessidade de se criar um plano de ensino. O esforço aqui realizado tomou por

base a aplicação desse conteúdo em uma sala de aula de Ensino Médio, tendo em vista a faixa etária dos discentes.

Objetivo geral da atividade é a utilização de uma websérie artística como recurso didático. Entre os objetivos específicos, pode-se enumerar: despertar a capacidade de múltiplas interpretações acerca de um mesmo produto; treinar a concentração em prol da observação de aspectos minuciosos que podem servir como gatilho para interpretação; e concatenar a estrutura educacional a um conteúdo cultural presente nas mídias.

A relevância das aulas de interpretação de textos não verbais está na exploração do conhecimento acerca de diferentes modalidades, estruturas e gêneros discursivos, ampliando a a visão crítica do aluno a respeito das diferentes linguagens que circundam o cotidiano. Para a equipe de pesquisa de Costa ([s.a.], p. 16), por meio de “contatos com diversos gêneros textuais a criança começa a construir um conceito diferente sobre leitura”. Transitável para a faixa etária dos adolescentes, “os educadores precisam valorizar os textos não-verbais, despertando nos alunos a percepção de que a leitura não acontece apenas em textos escritos” (COSTA *et al*, [s.a.], p. 16).

Ainda revisitando o trabalho de Costa *et al* (s.a.), infere-se que:

É imprescindível que mudemos os modelos educacionais tradicionais de atividades de leitura, tornando-as mais atraentes, significativas e desafiadoras para os educandos, pois só assim conseguiremos envolvê-los, proporcionando o desenvolvimeto cognitivo, afetivo e social, formando de fato leitores competentes com diversas habilidades de leitura (COSTA *et al*, [s.a.], p. 16).

Em se tratando de *Rabbits* e a possibilidade de utilização dessa narrativa como recurso didático, o procedimento recomendado é que, inicialmente, sejam exibidos todos os episódios da websérie, de forma ininterrupta (o que deve ocupar uma aula de 50 minutos). Em seguida, cabe ao docente, após atentar-se às reações faciais dos alunos perante o vídeo, questionar qual foi a sensação que eles tiveram com a obra e o que gostariam de falar, livremente, a respeito. É tarefa do professor também estar atento para tomar os devidos cuidados, caso algum discente se dinta desconfortável com as cenas surrealistas.

Passado o momento de adaptação ao produto audiovisual, sugere-se que o educador faça uma breve apresentação aos alunos sobre quem é o cineasta e quais são os trabalhos dele já realizados para o cinema e para a televisão (frisando, principalmente, *Twin Peaks*¹¹, que foi

¹¹ Para mais informações sobre a série, verificar: <http://www.adorocinema.com/series/serie-536/> (consultado em: 19/02/2019).

assunto constante nas redes sociais no segundo semestre de 2017, devido à exibição pela Netflix¹²).

Por fim, cabe lançar provocativas, como: quem são os personagens? O que eles estão fazendo? Sobre o que estão falando? Qual é a principal ação da narrativa? Como esse enredo pode ser explicado? É esperado que várias sejam as respostas e que isso provoque até mesmo um debate. Nesse ponto, é importante ressaltar que não existe visão certa ou errada, visto que a fragmentação narrativa é o principal elemento que move a produção.

É interessante que o educador também apresente as visões que se tem de *Rabbits* ao redor do mundo (item 3 deste artigo), visto que isso motivará as ratificações e/ou refiticações por parte dos discentes. Com a discussão que se formará acerca do produto, acredita-se que o docente conseguirá avaliar a capacidade interpretativa de cada estudante, percebendo o que foi apreendido e o nível de complexidade das propostas de análise.

Em tempo: é sabido que qualquer narrativa – seja ela oral ou escrita, audiovisual ou multimídia – tende a despertar diferentes interpretações, e isso pode ser um parâmetro para debate em sala de aula. O que chama a atenção em *Rabbits* é a capacidade de existirem interpretações violentamente distintas, como se cada espectador recriasse a história, incrementando seu contexto, suas experiências prévias, sua capacidade criativa, sua experiência poética.

5. Considerações finais

A ideia de que os produtos midiáticos funcionam de forma semelhante a uma agulha hipodérmica, injetando dados e ideologias em um espectador passivo, já não consegue se sustentar diante da demanda de pesquisas acerca dessas narrativas. *Rabbits* é uma amostragem de como as produções da mídia são capazes de despertar o próximo. A justificativa dessa ponderação se compõe com o fato de que, embora seja uma narrativa fechada, a obra, por meio de seu enredo psicológico e das características de vanguarda, possibilita interpretações intensamente distintas a respeito de uma mesma história.

Mesmo satirizando o formato *sitcom*, por intermédio das risadas e aplausos de claqué, essa obra de Lynch está muito mais ligada à websérie do que à série televisiva ou a outra forma convencional de narrativa seriada. Corroboram com esse argumento a presença de episódios

¹² Conteúdo disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80095712> (consultado em: 19/02/2019).

curtos, aparentemente sem alto investimento, que denotam certa continuidade, e os recursos de produção limitados, bem como a possibilidade de experimentação artística, fortemente propiciada a todos, devido à liberdade de acesso e produção na internet.

Além disso, a demanda por uma leitura que exija participação (subjéctiva ou interpessoal – tendo em evidência a comunicação gerada pelas resenhas no IMDb), além da possibilidade de criar conexões com outras mídias (cinema e literatura, por exemplo, como apontados em várias pesquisas), permitem considerar “*Rabbits*” como websérie. Propiciam, ainda, uma especificação: websérie de evento artístico e de crossmídia – pois seu recorte, como está na internet, aparece no cinema –, com eventual inclinação para a intermídia – já que permite a conexão direta ou indireta com outras narrativas/mídias.

Ainda que seja inadequado atribuir a *Rabbits* a característica de interação, na raiz do conceito, visto que se trata de uma narrativa fechada e sem possibilidades de condução via funcionalidades da multimídia, é permitível que se caracterize a narrativa como passível de múltiplas interpretações. Atrelando-se nesse raciocínio, analisar *Rabbits* não é sinônimo de buscar o que cada elemento significa, prendendo-se à Semiótica ou à Hermenêutica, mas despertar o olhar sobre como essas partículas se articulam para produzir sentidos – e, se desejável, qual é o sentido gerado que o pesquisador e/ou espectador adotou para si.

Transpor tal complexidade narrativa, gerada em um produto de fácil acesso e disponível no universo digital – ambiente tão propício às crianças e adolescentes – para a sala de aula é tentar unir o contexto escolar com a realidade de vida dos discentes. Além disso, oferecer um produto de qualidade reconhecida é motivar os jovens a se aprofundar na apreciação de obras artísticas e perceber como elas estão impregnadas nas mídias. Em outras palavras, é propor uma união entre Mídia e Educação sem deixar de escanteio a qualidade do material transformado em didático.

6. Referências

AURÉLIO, Marcos. Crítica: *Rabbits*. **Cinemarco Críticas**, 2010. Disponível em: <http://cinemarcocriticas.blogspot.com.br/2010/03/rabbits.html>. Acesso em: 23 set. 2017.

BIZ, Osvaldo. Mídia, Educação e Cidadania. In: MATOS, Maria Olivia; PESCE, Lucila. **Educação e cultura midiática**. Salvador: EDUNEB, 2012, p. 20-46.

BUSTAMANTE, Jonathan. *Rabbits*: el macabro secreto de Lynch. **LectorMetálico**, 2013. Disponível em: <http://lectormetalico.blogspot.com.br/2013/03/rabbits-el-macabro-secreto-de->

lynch.html. Acesso em: 23 set. 2017.

CAVISI, Alessandra. Rabbits > David Lynch. **Rapporto Confidenziale**, n. 8, p. 7, out. 2008. Disponível em: <http://www.rapportoconfidenziale.org/?p=3989>. Acesso em: 23 set. 2017.

COSTA, Claudia Borges *et al.* **Prática docente e o uso dos textos não-verbais no desenvolvimento de habilidades de leitura.** [s.a.]. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/pratica_docente_e_o_uso_dos_textos_na_o-verbais_no_processo_de_leitura.pdf Acesso em: 19 fev. 2019.

DORIGONI, Gilza Maria Leite; SILVA, João Carlos da. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar.** [s.a.]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

FANTIN, Mônica. Mídia-lducação e cinema na escola. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 15/16, p. 1-13, jan./dez. 2007. Disponível em: http://www.e-publicacoes_teste.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24008/16978. Acesso em: 23 set. 2017.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 69-96, abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n1p69/12291>. Acesso em: 23 set. 2017.

FILMAFFINITY. **La esquizofrenia se apodera definitivamente de Lynch** – por Pluscuamperfecto. 2008. Disponível em: <http://www.filmaffinity.com/es/user/rating/996629/638101.html>. Acesso em: 23 set. 2017.

HERGESEL, João Paulo. Websérie em sala de aula: a narrativa midiática on-line em um projeto educacional de Língua Portuguesa. In: ARANHA, Norberto; FRANZONI, Vilma. **Formação e prática profissional: investigação e estudo.** Sorocaba, SP: Eduniso, 2011, p. 45-54.

HERMOSILLA, Alejandro. Esquizorrealismo. La biblioteca de Alonso Quijano (reseña). **El Coloquio de los Perros.** Revista de Literatura. Málaga: Eda, 2014. Disponível em: <http://elcoloiodelosperros.weebly.com/la-biblioteca-de-alonso-quijano/esquizorrealismo>. Acesso em: 23 set. 2017.

IMDb. **Rabbits (2002).** Reviews & Ratings, 1990-2015. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0347840/reviews>. Acesso em: 23 set. 2017.

JONES, Craig. An overview of David Lynch's Rabbits. **Objectif Cinema**, Analyses, [s.a.]. Disponível em: <http://www.objectif-cinema.com/davidlynch/analyses/0004.php>. Acesso em: 23 set. 2017.

LYNCH, David. Rabbits. **LynchNet.com.** [s.a.]. Disponível

em: <http://www.lynchnet.com/rabbits>. Acesso em: 23 set. 2017.

RANDLES, Daniel; HEINE, Steven J.; SANTOS, Nathan. The common pain of surrealism and death: acetaminophen reduces compensatory affirmation following meaning threats. **Psychological Science**, p. 966-973, 2013. Disponível em: <http://www2.psych.ubc.ca/~heine/docs/2013%20Acetaminophen%20and%20David%20Lynch.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

SIQUEIRA, Vinícius. Rabbits o filme: os coelhos de David Lynch. **Obvious**, Cinema, 2013. Disponível em: http://obviousmag.org/archives/2013/12/rabbits_o_filme_os_coelhos_de_david_lynch.html#ixzz3sia9SmP1. Acesso em: 23 set. 2017.

TUFTE, Birgitte; CHRISTENSEN, Ole. Mídia-Educação – entre a teoria e a prática. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 97-118, abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n1p97/12293>. Acesso em: 23 set. 2017.

VANNUCCHI, Ju. Rabbits: Um genial retrato do cinema surrealista. **Cinema10**, Matérias, 2015. Disponível em: <http://cinema10.com.br/materias/rabbits-um-genial-retrato-do-cinema-surrealista>. Acesso em: 23 set. 2017.

WOLFF, Janet. **A produção social da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Data de envio: 10/09/2018

Data de aceite: 19/02/2019

Como citar:

HERGESEL, João Paulo. Websérie na escola: proposta para a utilização de *Rabbits* (David

Lynch, 2002) nas aulas de interpretação de textos não verbais. **Revista Científica Foz**, v. 1, n. 3, p. 86-101, mar. 2019.